



FACULDADE DO ESPÍRITO SANTO

**SOLANGE ROCHA DE SOUZA
ZILNETE OSÓRIO ROCHA**

**PROGRESSÃO AUTOMÁTICA: Reflexões sobre a aprendizagem de estudantes do 2º
ano dos anos Iniciais do Ensino Fundamental**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
como requisito parcial avaliativo para a
conclusão do curso de Licenciatura em
Pedagogia da Faculdade do Espírito Santo.

Orientador(a): Ian Freitas de Souza



FACULDADE DO ESPÍRITO SANTO

Eunápolis – BA
2026

PROGRESSÃO AUTOMÁTICA: ANÁLISE DA APRENDIZAGEM DE ALUNOS DO 2º ANO E SUAS CONSEQUÊNCIAS NA REPROVAÇÃO DO 3º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL

Solange Rocha De Souza
Faculdade do Espírito Santo
Solangerochadesouza2026@gmail.com

Zilnete Osorio Rocha Lima
Faculdade do Espírito Santo
zilneteosorio@gmail.com

RESUMO

Este estudo aborda a progressão automática nos anos iniciais do Ensino Fundamental e suas possíveis implicações na aprendizagem dos estudantes. A pesquisa parte da reflexão sobre como a promoção de alunos do 2º ano sem a consolidação das habilidades básicas pode contribuir para dificuldades de aprendizagem e para a reprovação no 3º ano. O objetivo foi analisar os efeitos dessa política educacional no processo de ensino-aprendizagem, considerando a importância da construção de conhecimentos fundamentais, como leitura, escrita e raciocínio lógico. Para isso, realizou-se uma pesquisa de caráter bibliográfico, fundamentada em obras e estudos que discutem a progressão automática, a avaliação da aprendizagem e as políticas educacionais voltadas à educação básica. Os resultados apontam que, embora essa prática tenha sido implementada com o propósito de reduzir os índices de repetência e evasão escolar, sua aplicação sem acompanhamento pedagógico adequado pode favorecer o acúmulo de dificuldades ao longo da trajetória escolar. Conclui-se que a progressão automática deve estar associada a processos avaliativos contínuos e a intervenções pedagógicas capazes de garantir o desenvolvimento efetivo da aprendizagem dos estudantes.

Palavras-chave: progressão automática; aprendizagem; avaliação da aprendizagem; ensino fundamental; reprovação escolar.

AUTOMATIC PROMOTION: reflections on the learning of second-grade students in the early years of elementary education



FACULDADE DO ESPÍRITO SANTO

ABSTRACT

This study addresses automatic promotion in the early years of Elementary Education and its possible implications for student learning. The research is based on the reflection of how the promotion of second-grade students without the consolidation of basic skills may contribute to learning difficulties and grade retention in the third year. The objective was to analyze the effects of this educational policy on the teaching-learning process, considering the importance of developing fundamental knowledge such as reading, writing, and logical reasoning. To achieve this, a bibliographic research was conducted, based on studies and publications that discuss automatic promotion, learning assessment, and educational policies aimed at basic education. The findings indicate that, although this practice was implemented to reduce repetition and school dropout rates, its application without adequate pedagogical support may contribute to the accumulation of learning difficulties throughout the students' educational trajectory. It is concluded that automatic promotion should be associated with continuous assessment processes and pedagogical interventions capable of ensuring the effective development of student learning.

Keywords: automatic promotion; learning; learning assessment; elementary education; school retention.



FACULDADE DO ESPÍRITO SANTO

1 INTRODUÇÃO

A educação básica brasileira tem sido amplamente discutida, especialmente no que se refere à qualidade da aprendizagem nos anos iniciais do Ensino Fundamental. Entre as políticas educacionais adotadas nesse contexto, destaca-se a progressão automática, prática que consiste na promoção do aluno para a série seguinte independentemente de seu desempenho acadêmico. Essa estratégia foi implementada com o objetivo de reduzir os índices de repetência e evasão escolar, buscando garantir a permanência dos estudantes na escola.

Apesar de suas intenções, essa prática tem gerado debates entre educadores, gestores e pesquisadores quanto às suas reais consequências para o processo de ensino-aprendizagem. A progressão automática está relacionada às diretrizes da educação brasileira, especialmente à Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996), que permite a organização do ensino por ciclos e propõe estratégias para reduzir a repetência e a evasão escolar, priorizando a continuidade da aprendizagem. Nesse contexto, nos primeiros anos da vida escolar, especialmente no segundo ano do Ensino Fundamental, ocorre a consolidação de habilidades essenciais como leitura, escrita e raciocínio lógico. Quando os alunos são promovidos sem o domínio adequado desses conhecimentos, podem surgir dificuldades que tendem a se intensificar nos anos seguintes. Dessa forma, a progressão automática pode contribuir para o acúmulo de lacunas na aprendizagem, que se tornam mais evidentes no terceiro ano, etapa em que as exigências acadêmicas se tornam maiores.

Diante dessa situação, o presente estudo, intitulado “A armadilha da progressão automática: análise da aprendizagem de alunos do 2º ano e suas consequências na reprovação do 3º ano do Ensino Fundamental”, parte do seguinte problema de pesquisa: de que maneira a progressão automática de alunos do segundo ano, sem a comprovação efetiva da aprendizagem, pode influenciar o aumento das taxas de reprovação no terceiro ano do Ensino Fundamental? Dessa forma, compreender essa relação é fundamental para refletir sobre a qualidade da educação oferecida nos anos iniciais e sobre as estratégias adotadas pelas instituições de ensino. Para além disso, o objetivo deste estudo é investigar os efeitos da progressão automática no desempenho escolar dos alunos, especialmente no que se refere às dificuldades de aprendizagem apresentadas no terceiro ano, bem como analisar suas implicações no processo de ensino-aprendizagem.

Diversos autores da área educacional têm discutido as implicações da progressão automática no processo de ensino-aprendizagem. Libâneo (2013) destaca a importância da avaliação como instrumento essencial para acompanhar o desenvolvimento dos alunos. Saviani (2013) aborda o papel da escola na formação do indivíduo e ressalta a necessidade de



FACULDADE DO ESPÍRITO SANTO

garantir a construção efetiva do conhecimento. Além disso, estudos sobre progressão continuada apontam que a promoção de alunos sem a consolidação dos conteúdos fundamentais pode gerar dificuldades acadêmicas futuras e comprometer o desenvolvimento educacional dos estudantes. Logo, esta pesquisa se justifica pela necessidade de se aprofundar discussões sobre os impactos da progressão automática, especialmente na transição entre o segundo e o terceiro ano do Ensino Fundamental. Muitos alunos chegam a essa etapa sem o domínio adequado das habilidades básicas, o que pode resultar em dificuldades de aprendizagem, desmotivação e aumento das taxas de reprovação. Dessa forma, investigar essa temática torna-se relevante para compreender os desafios enfrentados no contexto escolar e contribuir para a reflexão sobre práticas pedagógicas mais eficazes.

Para além disso, a realização desta pesquisa se dá pela importância de analisar de forma crítica os efeitos da progressão automática na aprendizagem dos alunos. Ao compreender as consequências dessa prática, espera-se contribuir para o debate sobre a qualidade da educação e para a construção de estratégias que favoreçam o desenvolvimento educacional dos estudantes nos anos iniciais do Ensino Fundamental.

Quanto aos procedimentos metodológicos, o estudo caracteriza-se como uma revisão bibliográfica, baseada na análise de obras e pesquisas que abordam a temática da progressão automática e suas implicações no processo educativo. A seleção das fontes contempla autores que discutem a avaliação, o ensino e as políticas educacionais relacionadas à educação básica, permitindo uma análise crítica das diferentes perspectivas teóricas sobre o tema.

Por fim, o trabalho está organizado em diferentes seções. Inicialmente, apresenta-se a introdução, na qual são expostos o tema, o problema de pesquisa e a justificativa do estudo. Em seguida, a fundamentação teórica discute as principais contribuições de autores que abordam a progressão automática no contexto educacional, apresentando a discussão central da temática, com foco nos perigos dessa prática, especialmente no que se refere ao comprometimento da aprendizagem, ao acúmulo de lacunas no conhecimento e ao aumento das dificuldades escolares nos anos seguintes. Por fim, são apresentadas as considerações finais, nas quais se destacam as principais reflexões obtidas ao longo do estudo.



FACULDADE DO ESPÍRITO SANTO

2 DESENVOLVIMENTO

Em meio às discussões sobre a qualidade da educação básica no Brasil, a progressão automática passou a ocupar um espaço cada vez mais relevante, principalmente quando se observam seus efeitos no aprendizado dos alunos. Mais do que compreender essa política apenas em termos teóricos, é importante olhar para o que acontece no cotidiano das escolas, onde suas consequências se tornam mais visíveis. A partir dessa perspectiva, este capítulo analisa a progressão automática, a avaliação da aprendizagem e seus impactos no desempenho escolar, com atenção especial à transição do segundo para o terceiro ano do Ensino Fundamental.

2.1 A progressão automática no contexto educacional

Pensar a progressão automática implica, antes de tudo, compreender os motivos que levaram à sua implementação. Também chamada de progressão continuada, essa proposta surgiu como uma alternativa para reduzir os índices de reprovação e evasão escolar, problemas historicamente presentes na educação brasileira. Nesse contexto, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 9.394/1996) passou a permitir a organização do ensino em ciclos, buscando garantir maior continuidade no processo educativo.

Na prática, esse modelo procurou evitar que o aluno fosse penalizado com reprovações logo nos primeiros anos escolares. Conforme aponta Pimentel (2020), a intenção principal era manter o estudante na escola, diminuindo as chances de abandono ao longo da sua trajetória.

Por outro lado, ao observar o funcionamento dessa política no dia a dia das escolas, percebe-se que os resultados nem sempre correspondem ao que foi planejado. Em muitas situações, a progressão automática acaba sendo aplicada de forma mecânica, sem um acompanhamento real da aprendizagem. Com isso, alunos avançam de série sem dominar conteúdos básicos, o que acaba transferindo as dificuldades para etapas posteriores. Nesse sentido, Saviani (2013) destaca que a função da escola não se resume à promoção dos alunos, mas à garantia de acesso ao conhecimento. Quando essa lógica não é respeitada, a progressão automática perde seu sentido pedagógico e passa a assumir um caráter mais administrativo.

Além da LDB, outros documentos orientadores da educação básica como Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Básica (DCNs), Base Nacional Comum Curricular (BNCC), Plano Nacional de Educação (PNE) e Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) reforçam a possibilidade de organização do ensino em ciclos, priorizando a continuidade da



FACULDADE DO ESPÍRITO SANTO

aprendizagem em vez da interrupção por meio da reprovação. Essas diretrizes partem do princípio de que cada aluno possui seu próprio ritmo de desenvolvimento e que dificuldades pontuais não devem resultar, automaticamente, em retenção. No entanto, esses mesmos documentos também deixam claro que a progressão precisa estar acompanhada de estratégias pedagógicas que garantam a aprendizagem. Ou seja, não se trata apenas de avançar de ano, mas de garantir que o aluno tenha condições reais de continuar aprendendo. Quando isso não acontece, a proposta acaba sendo aplicada de forma distorcida.

A consolidação da progressão automática no contexto educacional brasileiro também está relacionada a mudanças mais amplas na forma de compreender o ensino e a aprendizagem. Durante muito tempo, o modelo tradicional de educação, conforme discutido por Libâneo 2013, esteve baseado na ideia de que todos os alunos deveriam aprender da mesma forma e no mesmo ritmo. Nesse cenário, a reprovação era vista como algo comum e até necessário.

Com o avanço das discussões pedagógicas, passou-se a entender que o fracasso escolar não pode ser atribuído apenas ao aluno, mas envolve fatores como práticas pedagógicas, condições sociais e a própria organização da escola. Diante disso, a progressão automática surge como uma tentativa de romper com essa lógica mais excludente, propondo um modelo mais flexível e mais atento às necessidades dos estudantes.

Considerando essa situação, a escola passa a assumir um papel mais ativo no acompanhamento do desenvolvimento do aluno, buscando alternativas que favoreçam a aprendizagem ao longo do tempo. Essa mudança também impacta diretamente o papel do professor, que deixa de atuar apenas como transmissor de conteúdo e passa a assumir uma função mais mediadora, orientando o processo de construção do conhecimento. Este modelo de educação esteve baseado na ideia de que todos os alunos deveriam aprender da mesma forma e no mesmo ritmo. Nesse cenário, a reprovação era vista como algo comum e até necessário.

Com o avanço das discussões pedagógicas, passou-se a entender que o fracasso escolar não pode ser atribuído apenas ao aluno, mas envolve fatores como práticas pedagógicas, condições sociais e a própria organização da escola. Diante disso, a progressão automática surge como uma tentativa de romper com essa lógica mais excludente, propondo um modelo mais flexível e mais atento às necessidades dos estudantes.

Nesse contexto, a escola passa a assumir um papel mais ativo no acompanhamento do desenvolvimento do aluno, buscando alternativas que favoreçam a aprendizagem ao longo do tempo. Essa mudança também impacta diretamente o papel do professor, que deixa de atuar



FACULDADE DO ESPÍRITO SANTO

apenas como transmissor de conteúdo e passa a assumir uma função mais mediadora, orientando o processo de construção do conhecimento.

Outro ponto importante nessa discussão é a relação entre currículo, avaliação e prática pedagógica de acordo com José Carlos Libâneo (2013). A simples organização do ensino em ciclos não garante, por si só, que a aprendizagem aconteça. É necessário que exista coerência entre os objetivos de ensino, as estratégias utilizadas em sala de aula e as formas de avaliação. Nesse sentido, o planejamento pedagógico ganha ainda mais importância, pois permite ao professor acompanhar o desenvolvimento dos alunos, identificar dificuldades e propor intervenções ao longo do processo.

Além disso, a progressão automática está inserida em um contexto mais amplo de busca por uma educação mais democrática. Ao reduzir os índices de reprovação, essa política contribui para ampliar o acesso e a permanência dos alunos na escola. No entanto, permanecer na escola não é suficiente se não houver aprendizagem. Por isso, é fundamental que essa proposta esteja associada à qualidade do ensino, evitando que o aluno avance de série sem desenvolver as competências necessárias para as etapas seguintes.

Outro aspecto relevante diz respeito à formação dos professores discutido por Vanderlei Francisco de Lima et al. (2018). Para que a progressão automática funcione de maneira adequada, é essencial que os docentes estejam preparados para lidar com diferentes ritmos de aprendizagem e utilizar metodologias diversificadas. Isso inclui estratégias que incentivem a participação dos alunos, estimulem o pensamento crítico e tornem o aprendizado mais significativo. Por fim, é importante compreender que a progressão automática não deve ser analisada de forma isolada. Sua efetividade depende de uma série de fatores, como a estrutura da escola, as condições de trabalho dos professores, a gestão educacional e o apoio das políticas públicas. Assim, analisar essa proposta exige um olhar mais amplo, que considere todos os elementos envolvidos no processo educativo.

Além disso, a discussão sobre progressão automática também envolve a questão da qualidade da educação (inserir algum autor). Não basta apenas garantir que o aluno permaneça na escola; é necessário assegurar que ele aprenda de fato. Quando a preocupação se limita à redução da reprovação, sem o devido investimento na melhoria do ensino, os resultados tendem a ser limitados.

Outro ponto importante refere-se ao papel da avaliação conforme discutido por Vanderlei Francisco de Lima et al. (2018), dentro desse processo. Mesmo em um modelo de progressão continuada, a avaliação continua sendo essencial. A diferença está na forma como



FACULDADE DO ESPÍRITO SANTO

ela é utilizada. Em vez de ter apenas uma função classificatória, a avaliação passa a ter um caráter mais formativo, ajudando o professor a acompanhar o desenvolvimento do aluno e a intervir quando necessário. Com isso, a implementação da progressão automática exige uma articulação entre diferentes elementos do sistema educacional.

A atuação dos professores, a gestão escolar, o planejamento curricular e as políticas públicas apresentadas por Dermeval Saviani (2013), precisam estar juntos para que a proposta funcione de maneira adequada. Quando essa articulação não ocorre, os resultados esperados acabam sendo comprometidos. Por outro lado, é importante reconhecer que, quando bem aplicada, a progressão automática pode contribuir para uma educação mais inclusiva e mais justa. Ao evitar a exclusão precoce dos alunos, essa política permite que o processo de aprendizagem aconteça de forma mais contínua e respeitando as diferenças individuais. No entanto, para que isso aconteça, é fundamental que exista acompanhamento constante e intervenções pedagógicas efetivas.

Diante dessas considerações, fica evidente que a progressão automática é uma proposta complexa, que envolve diferentes dimensões do processo educacional. Seus resultados estão diretamente relacionados à forma como é implementada no cotidiano escolar. Por isso, compreender seus fundamentos, seus objetivos e seus limites são essenciais para analisar seus impactos no ensino e na aprendizagem. Outro ponto que precisa ser considerado é como a progressão automática acontece na prática dentro da sala de aula. A proposta, no papel, é clara: acompanhar o aluno ao longo do tempo e intervir sempre que surgirem dificuldades. No entanto, para que isso funcione, é necessário que o professor consiga observar de perto o desenvolvimento de cada estudante. Como aponta José Carlos Libâneo (2013), o processo de ensino não se resume à transmissão de conteúdo, mas envolve acompanhamento, planejamento e adaptação das estratégias conforme a realidade da turma. Quando esse acompanhamento não acontece, a progressão acaba perdendo seu principal sentido.

Na rotina escolar, é comum que o professor enfrente dificuldades para realizar esse acompanhamento de forma mais individualizada. Turmas cheias, pouco tempo para planejamento e falta de apoio pedagógico são fatores que acabam limitando esse trabalho. Nesses casos, a progressão automática pode acabar sendo aplicada apenas como uma regra administrativa, sem garantir que o aluno realmente aprendeu. Isso ajuda a explicar por que muitos estudantes avançam de ano, mas continuam apresentando dificuldades em conteúdos básicos.



FACULDADE DO ESPÍRITO SANTO

De acordo com Vanderlei Francisco de Lima et al. (2018), quando não há intervenções adequadas ao longo do processo, essas dificuldades tendem a se acumular. O problema não aparece de forma imediata, mas se torna mais evidente com o passar dos anos, principalmente quando o conteúdo exige uma base que não foi bem construída.

Por isso, a progressão automática exige mais responsabilidade da escola, e não menos. É preciso acompanhar, identificar erros e agir no momento certo.

Outro aspecto importante é a forma como a escola encara a aprendizagem. Durante muito tempo, a reprovação foi vista como uma forma de “corrigir” o aluno. Hoje, essa ideia vem sendo questionada, já que repetir o ano nem sempre resolve o problema. Como destaca Dermeval Saviani (2013), a função da escola é garantir o acesso ao conhecimento, e não apenas selecionar quem avança ou não. Nesse sentido, a progressão automática surge como uma tentativa de evitar a exclusão precoce, mas ela só faz sentido quando acompanhada de um ensino de qualidade.

Também é importante lembrar que esse processo não depende apenas do professor. A equipe pedagógica, a gestão escolar e até a participação da família têm papel importante nesse acompanhamento. Quando há diálogo entre esses diferentes envolvidos, fica mais fácil entender as dificuldades dos alunos e buscar soluções. Por outro lado, quando esse trabalho é feito de forma isolada, as chances de falhas aumentam.

Por fim, a progressão automática precisa ser vista como parte de um conjunto maior de ações dentro da escola. Não é uma solução isolada para os problemas da educação, mas uma proposta que depende de como é aplicada no dia a dia. Quando existe planejamento, acompanhamento e compromisso com a aprendizagem, ela pode contribuir para um ensino mais justo. Caso contrário, corre o risco de se tornar apenas uma forma de manter o fluxo escolar, sem garantir que o aluno realmente aprenda.

2.2 Avaliação da aprendizagem e suas implicações no ensino

Ao tratar do processo educativo, a avaliação da aprendizagem aparece como um elemento central, já que permite acompanhar o desenvolvimento dos alunos e orientar as ações do professor. Para Libâneo (2013), esse acompanhamento precisa acontecer de forma contínua, possibilitando identificar dificuldades e agir sobre elas ao longo do processo. Mais



FACULDADE DO ESPÍRITO SANTO

do que um momento isolado, avaliar envolve observar o percurso do aluno, seus avanços e também suas limitações. Nessa linha, Lima, Figueiredo e Carvalho (2018) destacam que a avaliação contribui para que o professor compreenda melhor a realidade da turma, o que facilita a tomada de decisões pedagógicas. Mesmo assim, quando se considera o contexto da progressão automática, percebe-se que a avaliação nem sempre cumpre esse papel. Em muitas escolas, ela acaba assumindo um caráter mais formal do que formativo, já que, independentemente do resultado, o aluno seguirá para o próximo ano.

Observando essa situação, fica evidente que há um descompasso entre a proposta da avaliação e sua aplicação prática. Conforme apontam Lima, Figueiredo e Carvalho (2018), essa dinâmica pode levar à promoção de alunos sem o domínio de habilidades essenciais, como leitura, escrita e cálculo. Como consequência, as dificuldades não são resolvidas, apenas se acumulam ao longo do tempo. Dentro desse contexto, compreender a avaliação apenas como um instrumento de aprovação ou reprovação acaba limitando sua verdadeira função no processo educativo.

A avaliação precisa servir como uma ferramenta de acompanhamento da aprendizagem, permitindo ao professor perceber não apenas o que o aluno aprendeu, mas também quais dificuldades ainda precisam ser trabalhadas. Quando esse acompanhamento não acontece de forma adequada, muitos estudantes acabam avançando de série carregando limitações que poderiam ter sido identificadas e corrigidas nos anos anteriores. Na prática escolar, é comum que professores encontrem dificuldades para realizar avaliações mais individualizadas, principalmente em turmas numerosas e com diferentes níveis de aprendizagem.

Em muitos casos, o tempo reduzido para planejamento e a necessidade de cumprir o conteúdo previsto acabam fazendo com que a avaliação seja aplicada de maneira mais técnica e menos reflexiva. Isso faz com que o foco se concentre apenas nos resultados finais, deixando em segundo plano o processo de construção do conhecimento.

Segundo Libâneo (2013), a avaliação deve estar integrada ao planejamento pedagógico, funcionando como parte do próprio processo de ensino. Dessa forma, avaliar não significa apenas verificar erros ou atribuir notas, mas analisar o desenvolvimento do aluno ao longo do percurso escolar. Quando utilizada dessa maneira, a avaliação contribui para que o professor reorganize suas estratégias de ensino e proponha intervenções mais adequadas à realidade da turma. Entretanto, no modelo de progressão automática, esse acompanhamento contínuo nem sempre acontece como deveria. Em algumas situações, o aluno é promovido



FACULDADE DO ESPÍRITO SANTO

para a etapa seguinte mesmo apresentando dificuldades evidentes de aprendizagem. Isso acaba gerando um efeito acumulativo, já que conteúdos fundamentais deixam de ser consolidados nos anos iniciais, dificultando a compreensão de conteúdos mais complexos posteriormente.

Outro aspecto importante refere-se à forma como o próprio aluno passa a enxergar a avaliação. Em um contexto em que a reprovação ocorre com menos frequência, alguns estudantes acabam associando o avanço escolar apenas à passagem de ano, e não ao desenvolvimento da aprendizagem. Embora essa percepção não aconteça em todos os casos, ela pode contribuir para uma menor valorização do processo avaliativo e do compromisso com os estudos.

Além disso, é importante considerar que a avaliação também possui uma dimensão social e emocional. Quando conduzida de forma inadequada, ela pode gerar insegurança, ansiedade e até desmotivação nos alunos. Por outro lado, quando ocorre de maneira mais acolhedora e orientadora, tende a favorecer a participação dos estudantes e fortalecer sua confiança no ambiente escolar. Nesse sentido, Saviani (2013) destaca que a escola deve garantir condições para que o aluno se aproprie do conhecimento de forma significativa, respeitando suas necessidades e seu processo de desenvolvimento.

Outro ponto que merece atenção é a relação entre avaliação e desigualdade educacional. Em muitas escolas públicas, os professores lidam diariamente com alunos que apresentam diferentes realidades sociais, econômicas e familiares. Essas condições influenciam diretamente o desempenho escolar e podem dificultar o processo de aprendizagem.

Dessa forma, uma avaliação que desconsidera essas diferenças tende a produzir resultados superficiais, sem contribuir efetivamente para a superação das dificuldades. Ao analisar esse cenário, percebe-se que a avaliação precisa ir além da simples aplicação de provas e atividades. Ela deve funcionar como um instrumento capaz de orientar o trabalho pedagógico e promover intervenções ao longo do processo educativo. Quando isso não ocorre, a progressão automática pode acabar mascarando dificuldades que se tornam mais evidentes nos anos seguintes, especialmente no terceiro ano do Ensino Fundamental.

De acordo com Lima, Figueiredo e Carvalho (2018), muitas dificuldades apresentadas pelos alunos nos anos posteriores estão relacionadas à ausência de acompanhamento adequado nas etapas iniciais da escolarização. Em disciplinas como Língua Portuguesa e Matemática, por exemplo, a falta de domínio de conteúdos básicos compromete diretamente a



FACULDADE DO ESPÍRITO SANTO

continuidade da aprendizagem, tornando o processo mais difícil tanto para o aluno quanto para o professor.

Também é importante destacar que a avaliação não depende exclusivamente do docente. A escola, a coordenação pedagógica e a própria organização curricular exercem influência sobre a forma como esse processo acontece. Quando existe planejamento coletivo e acompanhamento pedagógico, torna-se mais fácil identificar dificuldades e desenvolver estratégias que auxiliem os estudantes. Em contrapartida, quando o trabalho ocorre de maneira fragmentada, as chances de que essas dificuldades passem despercebidas aumentam significativamente. Considerando essa situação, a avaliação assume um papel ainda mais relevante nos anos iniciais do Ensino Fundamental, período em que ocorre a consolidação das habilidades básicas de leitura, escrita e raciocínio lógico. Qualquer dificuldade não identificada nessa etapa tende a acompanhar o aluno ao longo de sua trajetória escolar. Por isso, o acompanhamento contínuo se torna indispensável para garantir que a aprendizagem aconteça de forma mais consistente.

Além disso, a avaliação formativa contribui para aproximar professor e aluno, criando possibilidades de diálogo sobre o próprio processo de aprendizagem. Quando o estudante compreende suas dificuldades e participa desse acompanhamento, torna-se mais fácil desenvolver autonomia e responsabilidade em relação aos estudos. Esse aspecto é importante porque a aprendizagem não depende apenas da transmissão de conteúdos, mas também da participação ativa do aluno no processo educativo.

Dessa forma, discutir avaliação da aprendizagem no contexto da progressão automática exige compreender que promover o aluno para o ano seguinte não significa, necessariamente, garantir sua aprendizagem. A ausência de práticas avaliativas mais efetivas pode favorecer o acúmulo de dificuldades e comprometer o desenvolvimento escolar ao longo dos anos. Por isso, a avaliação precisa ser entendida como parte essencial do processo pedagógico, funcionando como instrumento de acompanhamento, reflexão e intervenção dentro da realidade escolar.

2.3 Impactos da progressão automática na aprendizagem dos alunos

Quando se analisa o percurso dos alunos ao longo dos anos escolares, os efeitos da progressão automática tornam-se mais evidentes. Um dos aspectos mais preocupantes não é apenas a existência de dificuldades, mas a forma como elas vão se acumulando sem que sejam



FACULDADE DO ESPÍRITO SANTO

devidamente trabalhadas. No cotidiano escolar, não é raro encontrar alunos que avançam de série, mas apresentam limitações significativas em conteúdos básicos. Situações como dificuldade para interpretar um texto simples ou resolver operações matemáticas elementares acabam se tornando mais comuns do que deveriam.

De acordo com Pimentel (2020), esse acúmulo de lacunas pode acompanhar o estudante por toda sua trajetória, interferindo diretamente no seu desempenho acadêmico. Além disso, Lima, Figueiredo e Carvalho (2018) destacam que essas dificuldades tendem a se intensificar em disciplinas que exigem continuidade, o que torna o processo de aprendizagem ainda mais desafiador. Outro aspecto que merece atenção diz respeito ao impacto emocional. Quando o aluno percebe que não consegue acompanhar a turma, é comum que surjam sentimento de insegurança e desmotivação.

Com o tempo, isso pode afetar sua relação com a escola e até mesmo sua permanência nela. Ao discutir os impactos da progressão automática, é importante compreender que os efeitos dessa política não acontecem da mesma maneira para todos os alunos. Cada estudante possui um ritmo de aprendizagem, além de diferentes condições sociais, familiares e emocionais que influenciam diretamente seu desempenho escolar. Mesmo assim, quando não existe acompanhamento pedagógico adequado, as dificuldades tendem a se tornar mais evidentes ao longo da trajetória escolar.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, ocorre a consolidação de habilidades consideradas essenciais para o desenvolvimento das etapas seguintes. Leitura, escrita e raciocínio lógico formam a base para praticamente todas as áreas do conhecimento. Quando essas competências não são desenvolvidas de maneira satisfatória, o aluno passa a enfrentar limitações que interferem diretamente na compreensão dos conteúdos posteriores.

Segundo Libâneo (2013), o processo de ensino precisa considerar o desenvolvimento contínuo da aprendizagem, respeitando as necessidades apresentadas pelos alunos ao longo do percurso escolar. No entanto, em algumas situações, a progressão automática acaba permitindo que o estudante avance sem ter consolidado conhecimentos fundamentais. Com isso, as dificuldades não desaparecem, apenas passam a acompanhar o aluno nos anos seguintes.

Na prática escolar, é possível perceber que muitos estudantes conseguem avançar de série, mas apresentam dificuldades em atividades consideradas básicas para sua etapa de escolarização. Em alguns casos, o aluno consegue copiar conteúdo do quadro ou realizar atividades mecânicas, mas demonstra dificuldades de interpretação, argumentação e



FACULDADE DO ESPÍRITO SANTO

compreensão mais aprofundada. Essas limitações acabam comprometendo não apenas o desempenho acadêmico, mas também a autonomia do estudante no processo de aprendizagem.

Outro aspecto importante refere-se ao impacto da progressão automática na participação do aluno em sala de aula. Quando o estudante percebe que não consegue acompanhar o ritmo da turma, tende a participar menos das atividades, evitando questionamentos ou exposições diante dos colegas. Aos poucos, isso pode gerar afastamento das práticas escolares e diminuir o interesse pelos estudos.

Saviani (2013) destaca que a escola deve garantir acesso efetivo ao conhecimento, promovendo condições para que o aluno desenvolva suas capacidades intelectuais e sociais. Quando o ensino não consegue atender às dificuldades apresentadas pelos estudantes, o processo educativo perde parte de sua função formativa. Nesse contexto, a progressão automática, quando aplicada sem intervenções adequadas, pode contribuir para ampliar desigualdades já existentes dentro da própria realidade escolar.

Outro ponto que merece atenção diz respeito à relação entre aprendizagem e autoestima. Muitos alunos que acumulam dificuldades passam a desenvolver sentimentos de incapacidade, acreditando que não conseguem aprender da mesma forma que os demais colegas. Esse processo pode afetar diretamente sua confiança e motivação dentro do ambiente escolar. Esse acúmulo de dificuldades costuma gerar impactos mais perceptíveis em disciplinas que exigem continuidade de conteúdos, como Língua Portuguesa e Matemática. Quando o aluno não desenvolve habilidades básicas de leitura e interpretação, por exemplo, acaba encontrando obstáculos não apenas nessas disciplinas, mas também em outras áreas que dependem dessas competências para compreensão das atividades propostas.

Conforme apontam Lima, Figueiredo e Carvalho (2018), a ausência de acompanhamento contínuo contribui para que essas dificuldades sejam percebidas apenas em etapas mais avançadas da escolarização. Muitas vezes, o problema não está relacionado à incapacidade do aluno, mas à ausência de intervenções pedagógicas adequadas ao longo do processo de ensino-aprendizagem.

Outro aspecto relevante está ligado à adaptação das práticas pedagógicas. Em turmas com diferentes níveis de aprendizagem, o professor precisa buscar estratégias que contemplem as necessidades dos alunos sem comprometer o andamento do conteúdo previsto. Entretanto, fatores como número elevado de estudantes por sala, falta de recursos e pouco tempo para planejamento acabam dificultando esse acompanhamento mais individualizado.



FACULDADE DO ESPÍRITO SANTO

Ao observar esse cenário, a progressão automática exige da escola uma postura mais ativa em relação ao acompanhamento da aprendizagem. Não basta apenas garantir que o aluno permaneça matriculado; é necessário assegurar condições para que ele consiga avançar em seu desenvolvimento escolar de maneira efetiva. Quando isso não ocorre, o avanço de série deixa de representar aprendizagem real. Também é importante destacar que os impactos da progressão automática não se limitam apenas ao desempenho acadêmico. Em muitos casos, as dificuldades acumuladas acabam influenciando a relação do aluno com a escola, com os colegas e até com os próprios professores. A sensação constante de não conseguir acompanhar a turma pode gerar desinteresse pelas atividades escolares e reduzir a participação no ambiente educacional.

De acordo com Pimentel (2020), o processo educativo precisa estar comprometido não apenas com a permanência do aluno na escola, mas com a qualidade da aprendizagem oferecida. Quando a preocupação se concentra apenas na redução dos índices de reprovação, sem considerar o desenvolvimento efetivo do estudante, os problemas tendem a aparecer de maneira mais intensa nos anos posteriores.

Outro ponto importante refere-se à necessidade de intervenções pedagógicas mais precoces. Muitas dificuldades poderiam ser reduzidas se houvesse acompanhamento contínuo desde os primeiros anos do Ensino Fundamental. A identificação rápida de limitações na leitura, escrita ou interpretação, por exemplo, permite que a escola desenvolva estratégias antes que esses problemas se tornem mais graves. Além disso, o papel da família também merece destaque nesse processo. O acompanhamento familiar pode contribuir significativamente para o desenvolvimento escolar do aluno, principalmente nos anos iniciais. Quando escola e família mantêm diálogo e participação conjunta, torna-se mais fácil compreender as dificuldades apresentadas e buscar alternativas para apoiar a aprendizagem.

Por fim, discutir os impactos da progressão automática exige compreender que essa política possui efeitos que vão além da simples promoção escolar. Seus resultados dependem diretamente da forma como é aplicada no cotidiano das escolas e das condições oferecidas para acompanhar o desenvolvimento dos alunos. Quando existe planejamento, avaliação contínua e intervenções pedagógicas adequadas, a progressão pode contribuir para evitar processos de exclusão escolar. Entretanto, quando essas condições não estão presentes, as dificuldades tendem a se acumular, comprometendo o desempenho acadêmico e o desenvolvimento educacional dos estudantes ao longo dos anos.



FACULDADE DO ESPÍRITO SANTO

2.4 A relação entre progressão automática e reprovação no 3º ano

Ao observar a transição entre o segundo e o terceiro ano, fica mais clara a relação entre a progressão automática e as dificuldades que levam à reprovação. Isso acontece porque o terceiro ano representa uma etapa em que se espera um nível mínimo de domínio de habilidades fundamentais, especialmente leitura, escrita e raciocínio lógico. Entretanto, quando esse processo não ocorre de forma consistente nos anos anteriores, o aluno chega a essa fase com dificuldades acumuladas. Nesse contexto, Lima, Figueiredo e Carvalho (2018) destacam que muitos estudantes avançam sem a base necessária, o que evidencia fragilidades no processo de ensino-aprendizagem.

Considerando esse cenário, a reprovação no terceiro ano não deve ser vista como um fato isolado, mas como resultado de um percurso marcado por dificuldades não superadas. A progressão automática, ao permitir o avanço sem aprendizagem consolidada, acaba contribuindo para que esses problemas se tornem mais evidentes nessa etapa.

Diante dessa realidade, torna-se necessário repensar a forma como essa política vem sendo aplicada. Mais do que garantir a permanência do aluno na escola, é fundamental assegurar condições reais de aprendizagem. Isso envolve não apenas práticas avaliativas mais efetivas, mas também um acompanhamento pedagógico mais próximo, capaz de intervir nas dificuldades ainda nos primeiros anos. Ao chegar ao terceiro ano, o aluno passa a enfrentar conteúdos que exigem maior autonomia e domínio das competências desenvolvidas nas etapas anteriores.

Quando habilidades básicas não foram consolidadas adequadamente, o processo de aprendizagem tende a se tornar mais difícil. Em muitos casos, o estudante consegue acompanhar parcialmente as atividades, mas apresenta dificuldades na interpretação de textos, na produção escrita e na resolução de problemas matemáticos simples. Essas limitações acabam interferindo diretamente no desempenho escolar e no rendimento em sala de aula.

Na prática, é comum que professores do terceiro ano percebam diferenças significativas entre os alunos da mesma turma. Enquanto alguns conseguem acompanhar o conteúdo com mais facilidade, outros demonstram dificuldades que deveriam ter sido superadas nos anos anteriores. Esse cenário exige do professor uma atenção ainda maior, já que ele precisa lidar simultaneamente com diferentes níveis de aprendizagem dentro da mesma sala.

Segundo Libâneo (2013), o processo educativo deve considerar as necessidades reais



FACULDADE DO ESPÍRITO SANTO

dos alunos, permitindo intervenções pedagógicas que auxiliem no desenvolvimento da aprendizagem. Entretanto, quando as dificuldades se acumulam por muito tempo, o trabalho pedagógico se torna mais complexo.

O professor passa a enfrentar o desafio de ensinar conteúdos novos enquanto tenta recuperar habilidades básicas que ainda não foram consolidadas. Outro ponto importante é que muitas dessas dificuldades não aparecem de forma repentina no terceiro ano. Em grande parte dos casos, elas já estavam presentes desde os primeiros anos da escolarização, mas acabaram sendo negligenciadas ou pouco trabalhadas ao longo do processo. A progressão automática, quando aplicada sem acompanhamento adequado, pode favorecer exatamente esse acúmulo gradual de lacunas.

De acordo com Pimentel (2020), a ausência de domínio dos conteúdos fundamentais compromete não apenas o desempenho acadêmico imediato, mas toda a trajetória escolar do estudante. Isso ocorre porque a aprendizagem possui caráter contínuo, ou seja, novos conhecimentos dependem da consolidação daqueles aprendidos anteriormente.

Quando essa base não é construída de maneira consistente, o aluno tende a apresentar dificuldades progressivamente maiores. Além dos impactos pedagógicos, a reprovação no terceiro ano também pode gerar consequências emocionais e sociais. Muitos alunos passam a desenvolver sentimentos de incapacidade, insegurança e desmotivação diante das dificuldades encontradas em sala de aula. Em alguns casos, a repetência faz com que o estudante perca o interesse pela escola e diminua sua participação nas atividades escolares.

Saviani (2013) destaca que a função da escola deve estar voltada para a formação integral do aluno, garantindo acesso ao conhecimento e criando condições para que a aprendizagem aconteça de forma significativa. Quando a reprovação ocorre como consequência de dificuldades acumuladas ao longo do tempo, percebe-se que houve falhas no acompanhamento pedagógico durante o percurso escolar.

Outro aspecto que merece atenção é a forma como a reprovação costuma ser percebida dentro do ambiente escolar. Durante muitos anos, repetir de ano foi entendido como uma forma de corrigir dificuldades de aprendizagem. No entanto, diversos estudos educacionais passaram a questionar essa lógica, mostrando que a retenção nem sempre resolve os problemas apresentados pelos alunos. Em muitos casos, o estudante permanece com as mesmas dificuldades mesmo após repetir o ano letivo.

Nesse contexto, a progressão automática surge justamente como uma tentativa de reduzir os impactos negativos da repetência. Contudo, quando não existe acompanhamento



FACULDADE DO ESPÍRITO SANTO

efetivo da aprendizagem, a proposta perde sua finalidade pedagógica. O problema deixa apenas de aparecer nos anos iniciais e passa a se manifestar de maneira mais intensa no terceiro ano, etapa em que as cobranças escolares aumentam.

Outro fator relevante está relacionado às condições de trabalho enfrentadas pelas escolas e pelos professores. Turmas numerosas, falta de recursos pedagógicos e pouco tempo para acompanhamento individual dificultam a identificação precoce das dificuldades de aprendizagem. Muitas vezes, o professor percebe que o aluno apresenta limitações importantes, mas encontra obstáculos para desenvolver intervenções mais específicas.

Conforme discutem Lima, Figueiredo e Carvalho (2018), a ausência de intervenções pedagógicas contínuas contribui para que os problemas se agravem ao longo do tempo. Quando o aluno não recebe apoio adequado nas etapas iniciais, as dificuldades tendem a se tornar mais evidentes nos anos seguintes, especialmente em disciplinas que exigem maior domínio da leitura e da interpretação.

Também é importante considerar que a aprendizagem não depende apenas do esforço individual do aluno. Aspectos familiares, sociais e econômicos influenciam diretamente o desenvolvimento escolar. Em muitos casos, estudantes enfrentam dificuldades relacionadas ao ambiente familiar, falta de incentivo aos estudos ou limitações no acesso a recursos educacionais. Esses fatores acabam interferindo no desempenho escolar e precisam ser considerados pela escola durante o processo de acompanhamento da aprendizagem.

Além disso, a relação entre progressão automática e reprovação no terceiro ano evidencia a necessidade de fortalecer práticas pedagógicas mais preventivas. Em vez de esperar que as dificuldades se tornem graves, o ideal é que a escola consiga identificá-las ainda nos primeiros sinais. Isso exige planejamento, acompanhamento contínuo e estratégias capazes de atender diferentes ritmos de aprendizagem. Nesse sentido, a avaliação assume papel fundamental. Quando utilizada de maneira diagnóstica e formativa, ela permite compreender melhor as necessidades dos alunos e orientar intervenções mais adequadas. Libâneo (2013) ressalta que avaliar não significa apenas medir resultados, mas acompanhar o desenvolvimento do estudante ao longo do processo educativo.

Outro ponto importante refere-se à necessidade de participação da família no acompanhamento escolar. Quando escola e família mantêm diálogo constante, torna-se mais fácil perceber dificuldades, estimular o aluno e construir estratégias conjuntas de apoio à aprendizagem. A ausência desse acompanhamento pode dificultar ainda mais o processo educativo, principalmente nos anos iniciais. Dessa forma, compreender a reprovação no



FACULDADE DO ESPÍRITO SANTO

terceiro ano exige analisar todo o percurso escolar do aluno e não apenas o resultado final apresentado nessa etapa. Muitas vezes, as dificuldades observadas nesse período são consequência de lacunas acumuladas desde os primeiros anos do Ensino Fundamental. Por isso, discutir progressão automática implica refletir também sobre avaliação, acompanhamento pedagógico, formação docente e qualidade do ensino oferecido.

Por fim, percebe-se que a progressão automática não deve ser entendida apenas como uma política de aprovação contínua, mas como uma proposta que exige responsabilidade pedagógica e acompanhamento constante. Quando aplicada de maneira adequada, ela pode contribuir para evitar processos de exclusão escolar e favorecer a permanência do aluno na escola. No entanto, quando não existe compromisso efetivo com a aprendizagem, seus resultados tendem a ser limitados, tornando mais frequentes situações de baixo desempenho e reprovação nos anos posteriores.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo deste estudo, buscou-se compreender como a progressão automática pode influenciar a trajetória escolar dos estudantes nos anos iniciais do Ensino Fundamental. A discussão partiu da preocupação com os alunos que avançam para as séries seguintes sem o domínio adequado de conhecimentos considerados essenciais para a continuidade dos estudos.

A análise das obras consultadas permitiu perceber que a progressão automática surgiu como uma alternativa para enfrentar problemas históricos da educação brasileira, especialmente a repetência e a evasão escolar. No entanto, os resultados observados pelos autores pesquisados mostram que a simples promoção do estudante não garante que a aprendizagem tenha ocorrido de forma satisfatória. Quando as dificuldades não são identificadas e acompanhadas desde os primeiros anos escolares, elas tendem a se tornar mais evidentes nas etapas seguintes. Em relação ao problema que orientou esta pesquisa, foi possível verificar que existe uma relação entre o avanço escolar sem a consolidação das habilidades básicas e o surgimento de dificuldades mais significativas no 3º ano do Ensino Fundamental. Muitas vezes, a reprovação observada nessa etapa não representa uma dificuldade recente, mas sim o reflexo de conteúdos que não foram devidamente compreendidos nos anos anteriores.

Outro aspecto que merece destaque é a importância da avaliação como instrumento de acompanhamento do estudante. Mais do que verificar resultados, ela permite identificar



FACULDADE DO ESPÍRITO SANTO

necessidades, orientar o trabalho pedagógico e criar oportunidades para que cada aluno avance de acordo com seu ritmo e suas possibilidades. Da mesma forma, o envolvimento da família e o apoio da equipe escolar contribuem para que esse acompanhamento aconteça de maneira mais efetiva. Este trabalho não teve a intenção de defender a reprovação nem de desconsiderar os objetivos da progressão automática. A reflexão proposta buscou destacar que a permanência do estudante na escola precisa estar acompanhada de condições reais para que ele aprenda e avance com segurança em sua formação escolar.

Por fim, espera-se que esta pesquisa contribua para ampliar as discussões sobre o tema e incentive novas investigações, especialmente estudos realizados diretamente nas escolas. Também se acredita que os dados apresentados possam auxiliar professores, gestores e demais profissionais da educação na construção de estratégias voltadas ao acompanhamento das dificuldades de aprendizagem ainda nos primeiros anos da escolarização, evitando que essas limitações se acumulem ao longo do percurso acadêmico.



FACULDADE DO ESPÍRITO SANTO

REFERÊNCIAS

BRASIL. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: Ministério da Educação, 2018.

BRASIL. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 23 dez. 1996.

BRASIL. Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014. Aprova o Plano Nacional de Educação (PNE) e dá outras providências. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 26 jun. 2014.

BRASIL. Ministério da Educação. Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais para a Educação Básica. Brasília, DF: MEC, 2013.

FREIRE, Paulo. Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa. 57. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2019.

HOFFMANN, Jussara. Avaliação mediadora: uma prática em construção da pré-escola à universidade. 35. ed. Porto Alegre: Mediação, 2019.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013.

LIBÂNEO, José Carlos. Democratização da escola pública: a pedagogia crítico-social dos conteúdos. 28. ed. São Paulo: Loyola, 2014.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar: estudos e proposições. 22. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

PARO, Vitor Henrique. Gestão democrática da escola pública. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2016.

SAVIANI, Dermeval. Escola e democracia. 41. ed. Campinas: Autores Associados, 2013.

SAVIANI, Dermeval. Pedagogia histórico-crítica: primeiras aproximações. 11. ed. Campinas: Autores Associados, 2011.

VASCONCELLOS, Celso dos Santos. Avaliação da aprendizagem: práticas de mudança por uma práxis transformadora. 13. ed. São Paulo: Libertad, 2013.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível. 29. ed. Campinas: Papirus, 2013.